



OS PRIMOS

— |

| —

— |

| —



O SEGREDO
DA TRIBO
PERDIDA

— |

| —

— |

| —



O SEGREDO
DA TRIBO
PERDIDA
Mafalda Moutinho

Ilustrações
Umberto Stagni





Publicações Dom Quixote
[uma editora do grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide · Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2016, Mafalda Moutinho e Publicações Dom Quixote

Ilustrações | Umberto Stagni

Revisão | Manuel Coelho

Capa | Neusa Dias

1.ª edição | maio de 2016

Paginação | Segundo Capítulo

Depósito legal | n.º 407 666/16

Impressão e acabamento | Multitipo

ISBN | 978-972-20-5967-1

www.dquixote.pt

Índice

[17]	I - A CAIXA
[43]	II - O TESOURO MAORI
[75]	III - O ANCIÃO DA TRIBO MOKOIA
[101]	IV - AS ESCULTURAS MAORIS
[131]	V - A LENDA DE MĀUI
[157]	VI - PERIGO NOS ROCHEDOS
[187]	VII - A PISTA DO GLACIAR FOX
[219]	VIII - UM DRONE NA PRAIA
[241]	IX - A VIAGEM DE HELICÓPTERO
[265]	X - O SEGREDO DA TRIBO PERDIDA





— |

| —

— |

| —

A CAIXA

André abriu os olhos lentamente, mas a luz demasiado intensa obrigou-o a fechar de novo as pálpebras. Sentiu o coração bater mais acelerado do que era normal dentro do peito. «Onde estou?», pensou, desorientado. Um turbilhão de imagens invadiu-lhe a mente e o rapaz deixou-se mergulhar num sono leve.

Achava-se embrenhado numa floresta tropical, de vegetação cerrada, muita humidade e altas temperaturas que lhe dificultavam a marcha e a respiração. Apesar disso, o som vibrante dos pássaros, aliado aos aromas provenientes da seiva dos troncos, da ramagem verde e das folhas já em decomposição no solo, faziam-no sentir-se particularmente dinâmico. Não estava só. Com ele encontravam-se também as primas Ana e Maria, e os amigos, Tiffany e Javier, seguidos de outros quatro indivíduos que lhe pareciam vagamente conhecidos.

Um arrepio sacudiu-lhe o corpo e a brusquidão do movimento impeliu-o para um novo cenário, um espaço de ambiente frio, mas tão húmido como o anterior. Achava-se agora dentro

de uma gruta, e percorria os túneis escuros com a ajuda de lanternas, seguido pelo mesmo grupo de oito elementos. Ouvia as vozes dos outros, mas não compreendia o que diziam. Pelo tom, depreendeu que estavam todos muito ansiosos.

Um novo estremecimento voltou a abalá-lo e a imagem de um baú de madeira antigo, fechado e de aspeto misterioso, surgiu-lhe em grande plano. Abriu-o com um pé de cabra, estranhando não se aperceber da força que empregava, e dentro dele achou pergaminhos com velhos mapas de ilhas secretas e tesouros imensos, junto a diários de bordo de exploradores que tinham alcançado mundos longínquos na era das Descobertas.

Os batimentos cardíacos aumentaram de ritmo e os olhos de André começaram a mover-se freneticamente sob as pálpebras. À imagem do baú, logo se seguiram as de várias arcas com o mesmo tipo de cantoneiras, dobradiças e fechaduras de ferro que lhe lembravam filmes e livros sobre piratas.

André abanou a cabeça várias vezes, e o corpo só voltou a imobilizar-se quando o cérebro completou o esboço de um novo quadro. Viu-se então de joelhos perante a maior de todas as arcas, fitando o interior da mesma, de boca aberta e ar maravilhado. Esticou a mão esquerda para comprovar se o que via à sua frente era real e nesse instante a sensação fria e metálica das moedas de ouro e de prata trouxe-o finalmente de volta à realidade.

«Uau!», exclamou, abrindo os olhos e perscrutando o espaço à sua volta. Sentou-se na cama, passou as mãos pelos cabelos e respirou fundo, para recuperar o fôlego. «Que sonho incrível!»

Observando novamente as paredes, André reconheceu os quadros que vira no quarto de hotel na véspera. Encontrava-se em Sydney. Só então os acontecimentos dos últimos dias se reposicionaram nos devidos lugares dentro da sua cabeça.

Não, não se tratara de um sonho. Por mais incrível que pudesse parecer, tudo aquilo tinha acontecido realmente.

Os baús e as arcas eram verdadeiros, tal como o eram os mapas e os documentos dos velhos navegadores, provando a existência das suas viagens secretas no longínquo século XVI. Igualmente reais eram as moedas de ouro e de prata que ele e o restante grupo tinham encontrado dentro de vários cofres¹.

Mas o homem é, sem dúvida, um animal curioso e André reconhecia-o agora mais do que nunca. Depois de tantas aventuras vividas com as primas, em que sempre procurara o famoso tesouro final, ali estava ele, consciente da incrível e mais recente descoberta do grupo e, no entanto, obcecado com algo que talvez nem tivesse grande valor monetário. Uma caixa. Uma simples caixa de madeira encontrada no meio de todas aquelas riquezas.

Embora André já tivesse descoberto vários tesouros com a ajuda de Ana e Maria, a verdade é que nunca conseguira ficar com eles. Nem mesmo com uma ínfima parte. Este último, acabado de encontrar no interior de uma gruta, numa ilha do nordeste da Austrália, era apenas mais um exemplo.

O caso provocara imediatamente grande frenesim nos média australianos. As entrevistas que ele próprio, as primas, os amigos e, claro, a Professora Smith tinham dado haviam-se sucedido umas às outras nas horas a seguir à descoberta. O secretismo, porém, era enorme, e embora tivesse sido impossível evitar os jornalistas – que apareceram em catadupa, apesar de ninguém compreender como tinham ficado a saber tão rapidamente da história – todos tinham sido avisados para lhes fornecerem o mínimo de informações.

¹ Ver *O Mapa da Ilha Secreta*. (N. da A.)

Moedas de ouro e de prata, pergaminhos e documentos antigos, tudo se encontrava agora refém dos meandros governativos, tendo várias reuniões já sido agendadas entre as partes envolvidas. Tudo, menos a caixa.

No meio da confusão, e imaginando o que viria a acontecer, ou seja, receando não voltar a ver ou ouvir falar de nenhum daqueles objetos, André decidira pegar na caixa e levá-la consigo, escondida dentro da mochila.

A ideia de se empenhar a descobrir tesouros e, no fim, não possuir nada para se recordar ao menos do que fizera, já começava a enfastiá-lo. O mesmo acontecera no final da aventura que ele e as primas tinham vivido no México, descobrindo o tão famigerado tesouro de Montezuma². Mas nem uma moedinha pudera guardar como lembrança da façanha!

Estava de acordo em não imitar os exploradores de outrora, que não se tinham eximido a gravar os próprios nomes nos monumentos antigos descobertos durante as suas viagens, ou a retirar pedaços dos mesmos e levá-los para casa, em vez de os preservarem para a posteridade. Mas assim também era demais!

A julgar pelo aspeto desprezioso da caixa — um mero recetáculo de madeira simples, sem a mínima decoração ou desenho gravado — esta pouco deveria valer e ninguém daria pela sua falta. Seria uma recordação perfeita e se, mais tarde, por acaso, lhe descobrisse algum valor inesperado, não hesitaria em devolvê-la às autoridades competentes.

André sentou-se na cama e fitou a caixa junto à almofada. Era óbvio que tinha adormecido com ela a seu lado, depois

² Ver *O Símbolo da Profecia Maia*. (N. da A.)

de a ter tentado abrir durante uma infinidade de tempo até se deixar vencer por ela e pelo sono. Pegou-lhe como quem pega numa estatueta de cristal e fitou-a de sobrolho encrespado.

Soltou um longo suspiro. Não valia a pena tentar tapar o sol com a peneira. Sabia bem que aquela caixa não era apenas uma recordação das peripécias que acabava de viver. Algo lhe dizia que seria também o início de uma nova aventura, pois outra razão o fizera interessar-se por ela, escondê-la na mochila e levá-la consigo para fora da gruta. Uma razão chamada *curiosidade*.

Com efeito, ao deparar-se com o objeto dentro de uma das arcas na manhã do dia anterior, André estranhara o aspeto trivial do mesmo e perguntara a si próprio o que estaria este a fazer entre os outros, todos eles de valor incontestável.

Depois, ao pegar-lhe, notou o chocalhar de um objeto lá dentro, o que o deixou ainda mais curioso. Na altura, não tentara abrir a caixa, nem tão-pouco deixara que os outros se apercebessem de que a levava consigo, e ainda não a mostrara a ninguém.

À noite, ao ver Javier adormecer finalmente na cama do lado, André retirara a caixa da mochila, ansioso por saber o que ela continha. Porém, apesar dos seus esforços, não fora capaz de a abrir.

Rodava-a agora entre as mãos, à luz dos primeiros raios da manhã — uma vez que nem ele nem o espanhol se lembraram de correr as cortinas — examinando-lhe todas as faces com extrema atenção. Tinha uma forma cúbica, a madeira era de um tom escuro, a dar para o avermelhado, e o acabamento era um pouco tosco.

André aproximou o nariz da caixa e suspirou, desalentado. Eram visíveis segmentos de madeira retangulares em todas as faces, misturados com entalhes que se confundiam com veios naturais da madeira.

– Não consegues abri-la, pois não? – perguntou Javier, de repente, sobressaltando-o.

O espanhol continuava deitado na sua cama, mas pelo olhar alerta, era óbvio que o observava há já alguns minutos.

– Hã?... – balbuciou André, fitando-o, envergonhado. – Sim... Não... Quer dizer... Encontrei isto...

– ... na gruta, imagino – completou o outro, sentando-se na cama com um pulo inesperado.

– É uma caixa...

– Sim, eu sei. Estiveste a tentar abri-la durante imenso tempo, ontem à noite. Posso tentar?

– Ummm... Sim, claro – acedeu André, num tom resignado. – Tinha-me esquecido do teu sonambulismo...

Levantou-se, entregou-lhe a caixa e depois, enquanto se dirigia à casa de banho, explicou:

– Tem qualquer coisa lá dentro, mas não se consegue abrir. Já tentei tudo.

Javier sacudiu a caixa junto ao ouvido e confirmou a informação.

– O que será? – perguntou, curioso.

Nesse momento, alguém bateu à porta e o rapaz levantou-se para ir abrir.

– Ena, tão cedo?! – exclamou, ao ver Ana, Maria e Tiffany assomarem à porta, já prontas.

– Vocês ainda estão de pijama?! – perguntou Maria, fingindo-se surpreendida enquanto espreitava por trás de Ana.

— Já repararam que são seis da manhã? O que é que vos deu hoje? Vocês nunca estão prontas antes de nós! Não me digam que ainda estão a sofrer de *jet lag*³!?

— A culpa não é do *jet lag*, mas dos jornalistas, que nos começaram a telefonar para o quarto às cinco e meia da manhã e até nos vieram bater à porta a pedir mais entrevistas! — disse Ana, fazendo uma careta. — Está tudo doido!

— Ah, sim? Então ainda bem que nós tirámos o telefone do hotel do auscultador e desligámos os telemóveis ontem à noite.

— O que é isso? — perguntou Maria, olhando com desconfiança para a caixa que o espanhol detinha na mão esquerda.

Ana, que estava prestes a cumprimentar o namorado, viu-se obrigada a deixar a irmã mais velha passar à sua frente. Depois, ao vê-la pegar na caixa sem sequer pedir licença ao rapaz, suspirou e encolheu os ombros.

Javier imitou-a, esboçando um sorriso compreensivo, e deu-lhe um beijinho. Maria era assim, expansiva e determinada. Não valia a pena contrariá-la.

— Não fazemos ideia — respondeu o primo, aproximando-se com a escova de dentes na boca e sorrindo a Tiffany, que assomou por trás de Ana. — Estive a tentar abri-la toda a noite, mas não consegui.

— De onde veio? Aposto que a trouxeste da gruta, não foi? — adivinhou a americana, dando-lhe uma cotovelada conivente e piscando-lhe o olho.

³ O *jet lag* é uma variação do ritmo biológico que sucede devido a viagens de avião muito longas, durante as quais se atravessam zonas com fusos horários diferentes, e que se caracteriza sobretudo pela perturbação do ciclo do sono. Por causa do *jet lag*, os viajantes podem passar horas a dormir durante o dia e estar acordados muito tempo durante a noite. (N. da A.)

– A sério?! – inquiriu Maria, fingindo-se chocada, mas com a curiosidade a aumentar. – Ai, André! És sempre o mesmo! Que engraçado, parece uma caixa-segredo!...

– Uma caixa-segredo? – perguntou o rapaz, satisfeito por poder saltar as explicações sobre como e por que razão trouxera a caixa consigo da gruta.

– Sim, daquelas chinesas ou japonesas que servem para esconder algo valioso lá dentro e que só podem ser abertas com um truque mais ou menos complicado – explicou ela, tentando premir e puxar determinadas partes da caixa.

– Ummm... – murmurou André. – Nunca tinha ouvido falar nelas. Escondem sempre algo valioso?

– Valioso ou secreto – confirmou Tiffany, que também já as conhecia.

Maria sentou-se à secretária e colocou o objeto no tampo da mesma, observando-o de cabeça inclinada.

– É preciso lógica e habilidade para as abrir – explicou, colocando o indicador sobre os lábios, com ar informado.

– São construídas com várias peças que têm de se mover numa determinada sequência. A dificuldade é descobri-la!

– Uau! – exclamou o primo, aproximando-se...

– Funcionam como uma espécie de puzzle, mas primeiro temos de descobrir por onde começar – disse a rapariga, virando a caixa ao contrário e aproximando-a da face, à procura de algo. – Às vezes existe uma pequena chave escondida num compartimento secreto, mas é preciso encontrar a primeira peça a mover. Normalmente há um sinal que serve de pista escondido em qualquer lado...

André esfregou as mãos e exclamou:

– Que fixe! Adoro puzzles!

— Sim, mas não deves ser grande espiga a fazê-los! — assinalou Javier, troçando dele. — Estiveste horas com isso na mão ontem à noite e não conseguiste mover uma única peça!

— Não sabia que era um puzzle! — justificou-se André.

— Muitos são autênticos objetos de arte, procurados por colecionadores e com mecanismos complexos que chegam a ter centenas de passos a seguir — comentou Maria. — Mas este não deve ser difícil de abrir, visto que o acabamento não é muito perfeito. Aposto que só são precisos dois ou três truques, no máximo.

Ana puxou por outra cadeira e sentou-se ao lado da irmã, fitando a caixa.

— Cheguem-se para lá — pediu Tiffany, empurrando a amiga. — Cabemos aqui as três.

De pé, atrás das raparigas e ao lado de Javier, André olhava para o objeto com novo interesse.

Maria tentou então usar os polegares para empurrar cada um dos segmentos retangulares visíveis nas faces do cubo, mas sem sucesso.

— E se a tal pista for aquele nó da madeira, ali no cantinho? — sugeriu Ana.

Maria experimentou movê-lo com o indicador, mas nem isso funcionou.

— Ummm...— murmurou a rapariga, chegando-se para a frente e mordendo o lábio, ao detetar um furo quase impercetível no seio do nó da madeira. — Quem é que me arranja um alfinete?

— Eu, claro! — riu André. — Tenho vários aqui mesmo, dentro do bolso!

— És muito engraçado! — disse Maria, voltando-se para trás e fitando-o com ar condescendente.

— Ora, Maria! Achas mesmo que eu ou o Javier íamos ter alfinetes?! — protestou o primo, piscando o olho ao amigo.
— Isso é coisa de miúdas!

André chocou punhos com o espanhol, enquanto ambos trocavam uma gargalhada trocista.

Maria suspirou, como quem decide não dar importância a duas crianças teimosas, e disse:

— Tiffany, vais à casa de banho deles buscar um alfinete, por favor?

Ao ver a americana levantar-se, André encolheu os ombros na direção de Javier, que lhe respondeu com idêntico gesto de surpresa.

Tiffany regressou com um pequeno estojo de costura dentro de um envelope de cartão onde se encontravam alfinetes, linhas de várias cores já enfiadas nas agulhas e alguns botões de camisa. Pegou num alfinete e entregou-o a Maria.

Os rapazes não abriram a boca e, se um buraco se tivesse aberto no meio do chão naquele momento, ambos não teriam hesitado em enfiar-se nele.

Maria aproximou o ouvido da caixa, enquanto enfiava o alfinete cuidadosamente no minúsculo orifício.

— Ouves alguma coisa? — perguntou Ana, curiosa.

— Acho que ouvi um clique, mas não tenho bem a certeza — respondeu a irmã. — Vou tentar empurrar o nó da madeira outra vez.

Desta feita, a pequena irregularidade cedeu e a rapariga conseguiu enfiá-la meio centímetro para o interior da caixa. Em seguida, tentou a sorte com o segmento retangular no

topo da face onde se encontrava o nó, e embora este não se mexesse, notou que o segmento abaixo dele já não estava tão fixo como antes. Ao empurrá-lo, porém, não obteve o resultado que esperava.

— E se, em vez de o empurrares, o fizeres deslizar para um dos lados? — propôs Ana.

— Boa, maninha! Sempre tiveste jeito para *puzzles*! — elogiou Maria, ao confirmar que o segmento funcionava como um painel e se deslocava dois centímetros para a direita com um pouco de pressão. O interior da caixa, porém, ainda não se conseguia vislumbrar.

Passaram-se quinze minutos durante os quais cada um deu palpites sobre o passo seguinte, e embora conseguissem descobrir mais cinco truques, deslizando painéis, puxando e empurrando segmentos aqui e ali, nenhum deles sentia que a solução estava próxima.

— Afinal é muito mais difícil do que eu pensava... — admitiu Maria, desiludida.

— Não podemos desistir! — exclamou André, que apreciava um bom desafio. — Vá lá! Não têm mais ideias? E se experimentássemos mover as peças numa sequência diferente?

Vinte minutos mais tarde, porém, também ele começou a dar sinais de desistência.

— Esta caixa é impossível de abrir! Se calhar o melhor é parti-la para descobrirmos o que tem lá dentro. Pomo-la no chão e damos-lhe uma pezada forte...

— Ora! Tem de haver outra solução! — protestou Javier. — E se tentássemos executar dois passos ao mesmo tempo? Por exemplo, podemos empurrar um dos segmentos enquanto fazemos deslizar um painel, sei lá?!

– Ummm... Deste-me uma ideia! – anunciou Maria. – Não é muito habitual, mas talvez seja necessário mais do que uma pessoa para abrir a caixa-segredo!

Maria experimentou então puxar por uma das faces do cubo, colocando o polegar num dos vértices e o indicador e o médio no vértice oposto, enquanto Tiffany fazia o mesmo na face oposta e Ana premia o nó da madeira na face entre as duas.

– Funciona! – exclamou Tiffany, apontando para o topo da caixa que, reagindo ao movimento sincronizado, se abriu uns milímetros para cima. – Parece-me que esta é a tampa!

– Então abre-a! – sugeriu André, excitado.

A tampa, porém, não se moveu mais do que se tinha movido até ali.

– Oh, não! Estávamos tão perto! – lamentou-se Maria, largando o objeto com desdém.

Não estando à espera daquele movimento inesperado e deixando de sentir resistência, Tiffany acabou por perder o controlo da caixa, que tombou com violência sobre a face oposta à do nó da madeira.

Ao cair, a caixa emitiu um clique sonoro que todos ouviram perfeitamente. Foi então que a tampa, que agora se encontrava em posição vertical, com a parte aberta a apontar para o teto, se abriu na totalidade, caindo no tampo da mesa com um baque seco.

– Abriu-se! – concluiu Ana, de olhos esbugalhados, apanhando uma bolinha de metal com alguns milímetros de diâmetro que deslizara para fora da caixa.

– Claro! Já percebi! – exclamou a irmã, pegando na esfera e examinando-a, enquanto apontava para um pequeno orifício escavado perto da aresta da tampa, no seu interior. – Deve

haver um íman escondido algures que atrai esta bolinha de metal de forma a prender a tampa. Com a pancada que a caixa levou quando caiu, o íman soltou a bolinha e a tampa abriu-se!

– Mas... Mas a caixa está vazia! – indignou-se André. – Não tem nada lá dentro!

Agarrou então no objeto sem cerimónia e, ao fazê-lo, ouviu um chocalhar conhecido.

– Não, não está vazia... – disse ele, constatando o óbvio. – O que quer que se encontre lá dentro continua tão escondido e secreto como antes.

André observou as cinco faces do interior da caixa com atenção. Em cada um dos quatro cantos do fundo tinham sido desenhados pequenos círculos escuros. O rapaz tentou então empurrar o fundo, começando por fazer pressão com os cinco dedos ao mesmo tempo, para em seguida carregar em cada um dos cantos com o indicador. Todavia, nada aconteceu.

– Ummm... Um destes círculos, na verdade, é um buracinho – observou, mostrando a descoberta aos outros.

Pegando no alfinete, enfiou-o no buraco e usou-o como alavanca para tentar levantar o fundo da caixa que, porém, não se moveu.

– Será que esta bolinha cabe aí dentro? – perguntou Maria, com um brilho sagaz no olhar.

– Experimenta! – pediu o primo, colocando a caixa de novo sobre a mesa.

Maria fitou cada um deles com um sorriso misterioso, antes de prosseguir.

– Tu e a tua mania de fazer suspense! – exclamou a irmã. – Anda lá! Despacha-te!

Maria colocou então a bolinha de metal dentro da caixa e, inclinando-a, fê-la deslizar até se aproximar do buraco, no qual entrou sem dificuldade.

— Parece que foi feito de propósito! — exclamou, satisfeita, tentando empurrar de novo o fundo da caixa, primeiro com os cinco dedos e premindo depois cada canto.

— Nada! Não se mexe... — notou o primo, cabisbaixo.

Maria ergueu de novo a caixa, de testa franzida, e assim que o fez ouviu a bolinha deslizar sob o fundo, num compartimento secreto.

— Ummm... Um dos truques para abrir as caixas-segredo é fazer uma bolinha de metal como esta percorrer uma espécie de labirinto dentro da caixa — disse, recordando o que sabia sobre o assunto. — Quem sabe se não é esse o truque final?

Começou então a experimentar diversos movimentos com perícia, inclinando a caixa lentamente, enquanto ouvia a reação da bola de metal no seu interior.

— Aha! — soltou, entusiasmada, ao fim de uns segundos. — Parece-me que a bola entrou para dentro de um sulco escavado na madeira!

Com efeito, apesar das minúsculas deslocações que a rapariga fazia muito devagar para a esquerda e para a direita, a bolinha parecia ter-se imobilizado. Com todo o cuidado possível, de forma a evitar que esta voltasse a sair da cavidade, Maria inclinou a caixa para a frente. A bolinha voltou a mover-se e ouviram-na deslizar até embater em algo que a imobilizou de novo.

A jovem passou mais de cinco minutos a tentar desvendar os caminhos de um labirinto que não podia ver, limitando-se a imaginar a bolinha de metal a deslizar por eles no compartimento secreto.

Os outros observavam-na em silêncio, pois os únicos sons que se ouviam no quarto eram o da respiração entrecortada de cada um deles e o da pequena bola de metal na sua digressão enigmática.

De repente, o som metálico deixou de se ouvir, apesar dos movimentos, agora mais decididos, que Maria aplicava à caixa.

– Será que conseguimos? – perguntou, intrigada.

Voltando a pousar o misterioso objeto no tampo da mesa, a rapariga pressionou o fundo da caixa de um dos lados, até o lado oposto se levantar, como que por magia.

– Uau! – aplaudiu André. – Boa! Conseguieste!

Maria sorriu, orgulhosa, e ergueu o painel no fundo da caixa completamente, colocando-o na vertical, paralelo a uma das faces laterais da mesma.



– Mas... O que será isto? – perguntou, retirando do interior um estranho objeto de cor verde, de cerca de cinco centímetros de comprimento por três de largura e que estava claramente partido.

– Oh!... Partiu-se? – inquiriu o primo, dececionado.

– Já estava partido – informou Maria, entregando-lhe a peça e depois, sacudindo a caixa, acrescentou: – Não sei onde está a outra parte, porque agora é que não há mesmo mais nada aqui dentro.

– Ummm... Será um talismã? – observou Javier, apontando para um orifício numa das extremidades do objeto.

– É feito de jade – acrescentou Ana. – Mas como lhe falta um bocado, não se percebe muito bem que forma tem.

– Pois eu acho que tem uma forma vagamente humana – notou Maria, observando o que aparentava ser a cabeça de uma figura de boca aberta e língua de fora, com a mão esquerda a tapar-lhe os olhos, um braço e o fragmento de uma perna arqueada ligados ao torso. – Talvez seja a figura de um indígena.



– Ummm... – murmurou o primo, pouco convencido.
– A mim parece-me um extraterrestre!

Os outros riram-se com a precisão disparatada.

– E se fôssemos a uma biblioteca consultar livros antigos, para ver se encontramos ilustrações de artefactos deste género?
– propôs Ana.

– Tu e as bibliotecas! – riu Tiffany. – É muito mais rápido procurar informações na Internet.

– E o que é que escreves no motor de busca? – perguntou Javier, que já se lembrara do mesmo, mas logo descartara a ideia. – «Talismã australiano de jade partido»? Não encontras nada, aposto.

– Ummm... Tens razão... – admitiu a americana, que entretanto puxara do telemóvel e tentara a sorte usando o *wi-fi* do hotel.
– Nem partido, nem inteiro. Não aparece nada interessante.

– Então e se contarmos tudo à Professora Smith, antes que ela se vá embora? – perguntou Ana, olhando para o relógio.
– Ela ainda deve estar no hotel e talvez saiba do que se trata.

– S-sim... – concordou André, com pouca convicção e receio evidente na voz. – Será que ela se vai zangar comigo por eu ter trazido a caixa sem lhe pedir autorização?

– Eu penso que não, mas se isso acontecer, podes sempre pedir-lhe desculpa e prometer que não voltas a fazer uma coisa do género – lembrou Maria, com ar trocista e sabendo bem que o primo seria incapaz de cumprir uma promessa daquelas.

Depois, sussurrando de propósito como se lhe estivesse a contar um segredo, continuou:

– É claro que se estiveres com medo, podemos sempre fingir que isto nunca aconteceu... Ficamos é sem saber o que estava um talismã partido, aparentemente sem valor, a fazer escondido

numa caixa-segredo, dentro de uma arca do século XVI, no interior de uma gruta, numa ilha algures na Austrália...

O primo suspirou, resignado. É claro que não poderia fingir que nada daquilo acontecera. Era como se lhe pedissem para deixar de ser tão curioso. E também estava fora de questão dar parte de fraco e admitir que receava a reação da Professora Smith.

Todavia, e embora soubesse que a prima estava a provocá-lo, Maria não deixava de ter razão numa coisa: talvez bastasse pedir desculpas à Professora e esperar que ela esquecesse a sua falha. Aliás, talvez a australiana até ficasse contente com a descoberta que eles tinham feito.

— Ok, vamos ter com ela! — exclamou, batendo as palmas e revelando o seu otimismo inconfundível. — O instinto diz-me que por trás disto tudo se esconde um segredo muito interessante!

* * *

Encontraram a Professora Smith no restaurante a acabar de tomar o seu pequeno-almoço. Ao vê-los aparecer, sorriulhes e disse:

— Estava mesmo a preparar-me para ir ter convosco. O embaixador Torres ainda vai ficar ocupado durante uns dias na conferência, vejo-o daqui a pouco, mas... Vocês já sabem o que vão fazer com o resto dos dias que ainda têm disponíveis antes de regressarem a casa?

— Como o pai não vai ter tempo para nos acompanhar, provavelmente vamos dar mais umas voltas sozinhos por Sydney e arredores — disse Ana.

— Ainda não vimos os surfistas em Bondi Beach — recordou Maria.

Porém, o tom de voz das raparigas e as expressões dos outros três mostravam uma evidente falta de entusiasmo. Acontecia-lhes sempre o mesmo quando acabavam de resolver um caso. Invadia-os uma onda de melancolia que demorava algumas semanas a passar e os fazia recordar todos os pormenores da aventura, incluindo os perigos, as piadas e os disparates do André, que Maria adorava apontar no seu bloquinho de notas.

— Bem... — disse a Professora, apercebendo-se do estado de espírito do grupo. — Queria despedir-me e agradecer-vos a ajuda que me deram. Vocês foram incríveis!

— Pois, a propósito de sermos incríveis... — balbuciou André, aproveitando a aproximação, mas acabando por provocar um risinho à prima mais velha.

Smith notou de imediato que a face do rapaz se tinha ruborizado e fitou-o, curiosa.

André pegou então na mochila e dela retirou a caixa-segredo aberta, colocando-a em cima da mesa, ao lado da chávena de café da australiana.

— O que é isto? — perguntou ela, sem reconhecer o objeto.

André retirou o talismã de dentro da caixa, colocou-o ao lado da mesma e decidiu ir direto ao assunto. Por experiência própria — e André tinha muita experiência no que dizia respeito a fazer disparates — sabia que quanto mais depressa explicasse o sucedido, mais depressa se resolveria a questão. Não valia a pena pôr-se com rodeios.

— Senta-te — sugeriu Smith, com ar sério, indicando-lhe a cadeira à sua frente.

Os outros colocaram-se de pé à volta da mesa, apreensivos, observando ora o rapaz, ora a australiana.

André contou, então, todos os pormenores da história à Professora, apressando a narrativa nalgumas partes e hesitando noutras, enquanto se preparava para o raspanete que decerto estava prestes a receber.

Quando terminou, a Professora fitou-o em silêncio. Não foram necessárias palavras para a mensagem que tinha a transmitir-lhe, pois o olhar grave e intenso encerrava mil discursos. André sentiu de tal forma o peso da censura que, por momentos, chegou a contemplar não repetir façanhas do género dali para a frente.

– Desculpe... – balbuciou, preferindo não se exceder com promessas que seria incapaz de manter.

Smith limitou-se a responder com uma frase curta e seca:

– Parece-me que estamos conversados.

– Sim, claro... – respondeu o rapaz, já mais aliviado.

– A Professora sabe do que se trata? – perguntou Maria, mudando rapidamente de assunto e provando que, embora se divertisse a brincar com André, não hesitava em ajudá-lo quando ele se metia em apuros. – É uma peça aborígene australiana? Será um talismã? E porque o teriam metido dentro de uma caixa-segredo, visto que está partido? Tem algum significado especial? Será que...

Ana deu-lhe uma cotovelada discreta, para que deixasse de disparar perguntas à queima-roupa como se estivesse a fazer um interrogatório.

– Ummm... – murmurou a Professora, pegando no pequeno objeto de jade e observando-o. – Em primeiro lugar, esta peça não é australiana.

– Não?! – perguntaram os jovens, em coro.

– Em segundo lugar – prosseguiu ela, como se não os tivesse ouvido – o facto de alguém a ter metido dentro desta caixa não deve passar de uma coincidência, porque na minha opinião os dois objetos não têm nada a ver um com o outro.

– Não?! – repetiram os cinco, de novo.

A Professora ergueu o olhar, fingindo-se arreliada, mas esforçando-se por esconder um sorriso complacente. Aqueles miúdos eram realmente a curiosidade em pessoa.

– Esta peça chama-se *hei tiki* e é considerada um tesouro maori⁴.

– *Maori?! –* perguntaram Ana e Maria, trocando olhares surpreendidos.

– *Tesouro?! –* exclamou o primo, obviamente mais interessado naquele aspeto da pequena figura.

– Antes de começarem a fazer mais perguntas, deixem-me dizer-vos o que penso disto – interrompeu a Professora, divertida. – A caixa-segredo foi com certeza trazida para a Austrália por algum dos vossos compatriotas no século XVI, que a deve ter obtido algures no Japão ou na China, de onde estas peças são originárias.

«Ao contrário do que aconteceu com outras peças encontradas nas arcas da gruta, esta não deve ter sido adquirida pelo seu valor, pois os acabamentos não são muito cuidados, mas por ser uma curiosidade. Na altura não havia objetos como este na Europa, visto que só começaram a aparecer séculos mais tarde.

⁴ Os maoris são o povo originário da Nova Zelândia. (N. da A.)

«Todavia, como deve ter sido uma das primeiras a ser construída em todo o mundo, esta caixa-segredo entretanto tornou-se muito valiosa».

André sentiu os olhares críticos dos amigos fixos sobre si e encolheu-se, por reflexo. Ainda meia hora antes lhes tinha proposto destruir a caixa à pezada...

— Quanto ao *hei tiki* — prosseguiu a australiana — penso que só o colocaram aqui dentro porque estava partido. Como devem ter percebido, não é fácil abrir uma caixa-segredo e até podem chegar a nunca ser abertas se vierem sem instruções.

«Quem adquiriu esta deve ter pensado nisso, decidindo colocar lá dentro algo sem grande valor, mas que provocasse o chocalhar necessário ao mistério.»

— Ummm... Estou a ver — disse Maria, pensativa. — Até poderia ter bastado uma simples pedrinha, pois quem pegasse na caixa e ouvisse aquele barulho estranho lá dentro, não iria resistir a tentar desvendar o enigma.

— Foi o que aconteceu com o André — lembrou Javier.

— Mas a Professora não disse que se tratava de um *tesouro*? — perguntou André, confuso.

— Sim, os *hei tiki* são um tipo de *taonga*, que significa *tesouro* em língua maori, ou seja, algo que para eles tem grande valor — explicou a australiana. — As *taonga* podem ser relíquias de família ou de tribos, e nem sempre são objetos físicos, também podem ser coisas intangíveis como a própria língua, ou até lugares sagrados.

«Os *hei tiki* usam-se ao pescoço — é por isso que este tem um buraco aqui em cima — e normalmente são feitos de jade, mas também podem ser feitos de osso ou de outros materiais.»

– Mas então... A Professora está a dizer que *esta peça* não tem qualquer valor ou significado especial? – perguntou André, pegando no *hei tiki* e observando-o, desiludido, enquanto as suas expetativas se desmoronavam.

– Bem, se é maori significa que os portugueses chegaram não só à Austrália, mas também à Nova Zelândia antes de todos os outros europeus! – lembrou Ana.

– Ah, sim, claro... – concordou o primo, que não tinha pensado naquilo, mas continuando a mostrar-se desapontado.

Tinha imaginado que o segredo da caixa os conduziria a uma nova aventura, mas pelos vistos enganara-se redondamente.

A Professora não deixou de notar o desapontamento do rapaz e, ao fim de uns segundos de mutismo geral, suspirou e disse:

– Bem... Se vocês estão assim tão interessados neste artefacto, posso telefonar a um colega neozelandês com quem colaborei no passado, num estudo sobre indígenas da Polinésia... – disse, pensativa. – Ele também é maori e é o perito mais conceituado da Nova Zelândia nesta área. Trabalha no museu de Auckland. Posso perguntar-lhe que outras informações nos pode fornecer sobre esta peça e garanto-vos que se ele não souber, ninguém mais sabe!

Os olhos de André iluminaram-se de novo e o rapaz fitou o telemóvel da Professora, em cima da mesa, com ansiedade.

– Mas... Não me digas que queres que eu lhe telefone *agora!* – inquiriu ela, tomada de surpresa e olhando para o relógio.

Alvorocado, André sorriu e disse-lhe:

– Sim, Professora Smith! Acha que seria possível?

— B-bem, posso tentar... — anuiu ela, com um novo suspiro.

A australiana pegou então no telemóvel, colocou o artefacto sobre a mesa e tirou-lhe uma fotografia. Em seguida, procurou o número desejado na sua lista de contactos e enviou a imagem ao mesmo. Preparava-se para efetuar a chamada que explicaria o porquê daquela foto ao destinatário, quando o seu próprio telemóvel começou a tocar. Surpreendida ao reconhecer o nome no ecrã, atendeu:

— Estou? Professor Anaru Toimata? *Yes, Smith here, how are you?* ... Pois, é verdade, há muito tempo que não falamos... Peço desculpa se não lhe expliquei a razão da imagem que acabei de lhe enviar, ainda por cima tão cedo, mas estava precisamente a ligar-lhe... Como? ... Ummm... *Yes, I see...* Mas, tem a certeza?... *Listen*, dê-me cinco minutos que já volto a ligar-lhe, está bem? — e desligou.

Os cinco jovens contemplaram-na, impacientes por saberem as novidades, mas a Professora precisou de alguns momentos para recuperar da surpresa. Parecia pensativa, como se estivesse indecisa entre duas estradas a seguir.

— Que telefonema incrível!... — acabou por dizer, erguendo os olhos da mesa. — Imaginem que o Professor Toimata ficou muito curioso com a fotografia do *hei tiki* e... quer vê-lo imediatamente!

— A sério?! — perguntou André, sem acreditar no que ouvia. — Isso quer dizer que afinal sempre é valioso?

— Não sei, ele não me deu pormenores, disse apenas que precisava de o ver pessoalmente e com urgência — explicou ela.

— Quer viajar hoje mesmo de Auckland para Sydney, mas...

— Mas?... — perguntaram os primos, ao mesmo tempo.

— Mas eu tenho uma ideia melhor... — anunciou a Professora, observando-os com um sorriso enigmático. — O que

acham de passarem os dias que vos restam na Nova Zelândia? Uhmm?

Os jovens fitaram-na de olhos esbugalhados e não souberam o que dizer.

— O governo australiano ainda me deve um favor, que me pode pagar cobrindo as vossas despesas — prosseguiu ela. — Além disso, com todas as entrevistas que vocês têm dado, bem podem gozar do vosso enorme crédito de heróis. Assim, veem Auckland e o Professor Toimata mostra-vos o museu, que é uma autêntica preciosidade. Bem o merecem, depois da ajuda que me deram a resolver o caso!

— Está a falar a sério?! — perguntou André, por fim, estupefacto.

— Sim, estou. Vou ter de falar com o embaixador e pedir autorizações aos vossos pais para as viagens, claro, mas não deve haver problema. Por isso, se vocês estiverem de acordo...

— Claro que estamos de acordo! — exclamou o rapaz, respondendo por todos.

— Deixem-me então ligar ao Professor Toimata — disse Smith, e efetuou a chamada de imediato.

O neozelandês nem deixou o telefone tocar duas vezes, pois assim que a Professora aproximou o telemóvel do ouvido, já ele estava a responder do outro lado. Smith explicou-lhe a situação e perguntou-lhe se estaria interessado em que fossem os jovens a viajar até ele. Quando desligou, a australiana tinha um ar misterioso estampado no rosto.

— Então? — inquiriu Maria. — Ele concordou?

— Sim, concordou, mas... impôs duas condições: uma é que vocês partam ainda hoje, o mais rapidamente possível, e a outra é que... — e interrompeu-se, de testa encrespada.

– Qual é a outra condição? – perguntou Ana, ansiosa.

– Sinceramente não compreendo porquê – disse Smith, pensativa – mas o Professor faz questão de que esta descoberta se mantenha confidencial. Ou seja, não podem falar dela a ninguém, nem mesmo aos vossos amigos.

– Segredo total! – garantiu Ana, olhando depois para os outros com ar interrogativo.

– Segredo total! – confirmaram eles, em simultâneo.